

SOBRE ESCLARECIMENTO, EMANCIPAÇÃO, FORMAÇÃO E SEMIFORMAÇÃO CULTURAL: KANT E ADORNO, COMPREENSÃO, REFLEXÃO E DIÁLOGO.

CLARIFICATION, EMANCIPATION, CULTURE FORMACION AND SEMIFORMACION: KANT AND ADORNO, UNDERSTANDING, REFLECTION AND DIALOGUE.

Giza Guimarães Pereira Sales¹

RESUMO: Neste artigo, apresentam-se algumas reflexões sobre “esclarecimento”, “emancipação”, “formação” e “semiformação”, apontados por Kant e Adorno e como esses conceitos estão relacionados com a educação e a história da formação de professores nos dias atuais. Pensar a relação entre esclarecimento, emancipação, formação e semiformação com a formação de professores nos dias atuais é, no mínimo, uma tarefa das mais difíceis, principalmente quando tais termos são utilizados em documentos oficiais, norteadores de políticas públicas educacionais, quase nunca se levando em consideração a origem dos conceitos. Nesse sentido, para a elaboração deste artigo, tomam-se por referência a existência atual dessa problemática e o fato de as discussões sobre esses conceitos perdurarem em nossa sociedade há mais de dois séculos.

PALAVRAS-CHAVE: Educação, Esclarecimento, Emancipação, Formação e semiformação cultura.

ABSTRACT: In this article, some reflections on “clarification”, “emancipation”, culture “formation” and “semiformation”, pointed out by Kant and Adorno, are presented and how these concepts are related to education and the history of teacher education in the present day. To think about the relationship between clarification, emancipation, formation and semiformation with the formation of teachers in the present day is at least a task of the most difficult, especially when these terms are used in official documents, guiding public educational policies, hardly ever taking into account the origin of the concepts. In this sense, for the preparation of this article, reference is made to the current existence of this problem and the fact that the discussions about these concepts have lasted in our society for more than two centuries.

KEYWORDS: Education, Clarificacion, Emancipation, Culture Formation and semiformation.

INTRODUÇÃO

Neste texto, apresento algumas reflexões sobre “esclarecimento”, “emancipação”, “formação” e “semiformação” apontados por Kant e Adorno e

1 Doutoranda em Educação – Programa de Pós-Graduação em Educação - UNESP – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Faculdade de Filosofia e Ciências – FFC/Câmpus de Marília.

<http://doi.org/10.33027/2447-780X.2017.v3.n2.05.p53>

como esses conceitos estão relacionados com a educação e a história da formação de professores nos dias atuais.

A questão da emancipação, como mudança de uma condição menor para uma condição maior, de esclarecimento (que mais recentemente tem se traduzido em acesso à cultura, ascensão social, relações de poder etc.) está presente nos discursos desde o século XVIII, no entanto, a realidade da educação nem sempre favorece a essa condição. Professores, governantes e intelectuais enfatizam a educação como prioritária para a formação do sujeito crítico, ativo, participativo, mas infelizmente o que se tem ao longo da história do processo educativo, especialmente no Brasil, é uma infindável somatória de reproduções de tradições que nada favorecem a essa formação.

Dessa forma, passei a refletir sobre como os conceitos de esclarecimento e emancipação se relacionam com a formação do sujeito (e nesse caso a formação de professores) e como essa formação, ao longo do tempo, tem se transformado em semiformação. Em que medida, um sujeito semiformado pode contribuir para a formação e emancipação de seus alunos?

Para compreender as questões apontadas, buscarei focar, principalmente, o Texto de Kant *Resposta à pergunta: que é esclarecimento* (*Aufklärung*), publicado originalmente em 1783 e o texto de Adorno *Educação e emancipação*, (1995), no qual estão reunidos resultados de conferências e entrevistas do autor entre as décadas de 1950 e 1960, assim como outros textos que possam vir a contribuir para a discussão.

Embora o tema educação, emancipação e formação estejam presentes no conjunto da obra desses autores, para os objetivos deste texto, apresentarei de forma singela, apenas algumas reflexões que pude depreender do pensamento desses dois autores, especificamente nos textos mencionados.

SOBRE ESCLARECIMENTO, EMANCIPAÇÃO, FORMAÇÃO E SEMIFORMAÇÃO — DO ILUMINISMO AO SÉCULO XXI.

Com o objetivo de libertar-se da compreensão de um modelo formação humana anterior ao século XVIII, a qual era marcada pela força da autoridade, pela submissão a preceitos e regras impostas arbitrariamente, em que o ideal de formação estava vinculado à obediência como princípio básico, muitos pensadores do século XVIII, questionando o que consideraram com período de trevas intelectuais, propuseram uma forma de compreensão do conceito de formação humana e da produção de conhecimento fundamentadas na razão, objetivando livrar-se desse passado. Essa nova fase que, para contrapor-se ao passado considerado de obscuridade, foi denominada de “Século das luzes” e propunha a busca do conhecimento pelo poder da razão, com base no esclarecimento, na iluminação, fazendo surgir assim, termos que melhor representassem essa nova

maneira de conceber o conhecimento. Palavras como *Iluminismo*, *Lumières*, *Enlightenment*, *Ilustración* e *Aufklärung* eram agora utilizadas para designar essa nova maneira de compreensão do conhecimento.

Dentre os pensadores desse período, conhecidos como iluministas, estava Immanuel Kant (1724-1804), nascido em uma família humilde na Prússia, tornou-se professor catedrático da Universidade de Königsberg e construiu todo um sistema filosófico que veio a se contrapor à Metafísica tradicional, tornando-se um dos maiores representantes do pensamento filosófico moderno. Dentre a extensa obra deixada por Kant, está o ensaio “Resposta à pergunta: o que é o esclarecimento (*Aufklärung*)?”, publicado originalmente em 1783, é nele que Kant aborda diretamente o tema do esclarecimento (*Aufklärung*), da Educação (*Erziehung*) e da formação cultural (*Bildung*), redirecionando o pensamento filosófico vigente e lançando bases para a construção de uma teoria pedagógica. (PAGNI, 2008).

As considerações de Kant e sua abordagem com ênfase numa filosofia do sujeito tornaram-se marcos importantes para a compreensão das questões educacionais e forneceram referencial para a constituição de uma teoria pedagógica no pensamento moderno e atual. Segundo Pagni (2008), o texto de Kant tornou-se “[...] um dos textos emblemáticos para se abordar o problema da emancipação e, de certo modo, da educação na modernidade.” (PAGNI, 2008, p. 225).

Dentro do contexto social e intelectual da Alemanha iluminista, Kant relaciona a sua filosofia do sujeito, considerando que os fundamentos da pedagogia seriam dados pela filosofia. Assim, filosofia e educação são indissociáveis e pressupõe que a filosofia deveria levar o povo ao esclarecimento, ao *Aufklärung*. Kant, ao reconsiderar o papel da filosofia, inaugura novos significados às palavras educação e cultura.

O conceito de *Aufklärung*, segundo Kant, é a “[...] saída do homem de sua menoridade, da qual ele próprio é culpado.” (KANT, 1974, p. 100). Esse estado de menoridade é a situação em que o homem se encontra incapacitado de utilizar o próprio entendimento, necessitando da tutela de outrem. Para Kant, a preguiça e a covardia são estados de comodidade que favorecem a essa condição de menoridade. Vencer essa condição não é tão fácil assim, uma vez que os seres humanos estão acostumados, e até certo ponto, apegados a ela. (PAGNI, 2008).

Para Kant, esse estado de menoridade torna-se cômodo, uma vez que, não temos necessidade de pensar, pois outros poderão se encarregar disso por nós (KANT, 1974). No entanto, essa acomodação ou situação confortável, acaba sendo reforçada pelos tutores, uma vez que, ao instruírem seus alunos, não permitem que eles ousem ou deem passos sozinhos (KANT, 1974).

É difícil portando para um homem em particular se desvencilhar da menoridade que para ele se tornou quase uma natureza. Chegou mesmo a criar amor a ela, sendo por ora realmente incapaz de utilizar seu próprio entendimento, porque nunca o deixaram fazer a tentativa de assim proceder. (KANT, 1974, p. 102).

Segundo Kant, necessário se faz um ato de coragem para se libertar desse estado de menoridade, e partir em busca da autonomia da razão (KANT, 1974). A liberdade, no entanto, se conquistada, pode ser o caminho para o *Aufklärung*.

O grande problema, no entanto, aponta Kant, dessa forma de pensar e do Iluminismo como um todo, é que essa atitude seja encarada como atitude individual, pois assim o fazendo o homem individual se revoltaria contra todo tipo de tutor e passaria a um estado de despotismo pessoal levando ao mesmo resultado final da antiguidade de trevas: massas de pessoas aprisionadas em preconceitos, destituídas de pensamento.

Pensar a relação do homem com a liberdade e a cultura, implica considerar aspectos complexos, uma vez que, Segundo aponta Gelamo (2009), essas questões estão vinculadas a uma condição de humanização.

Poderíamos dizer que a submissão às leis e à cultura não direciona o homem para a autonomia e a liberdade, porque o aprisiona e o condiciona. Ainda que essa problematização faça sentido, para Kant, a autonomia e a liberdade só podem se efetivar quando o homem se torna humanizado, ou seja, quando passa pelo processo de humanização e pela aprendizagem do uso livre e autônomo da razão enquanto oposição ao aprisionamento face à vontade selvagem e irracional em que vivia anteriormente. Desse modo, aquilo que poderia ser um indicativo de limitação da liberdade e da autonomia é, para Kant, a condição necessária para a sua efetivação. (GELAMO, 2009, p. 42).

A autonomia e a liberdade, no entanto, são pressupostos do homem ideal, consistem numa reorientação do espírito do povo, da filosofia e de seu caráter educativo. Desse ponto de vista é possível perceber que no pensamento de Kant Filosofia e Educação são indissociáveis, pois o esclarecimento consiste em ver a filosofia como forma de ensino, de educação. Em outras palavras, colocar o esclarecimento apenas do ponto de vista empírico, do homem individual, levaria ao individualismo total, comprometendo a sociabilidade e destino da humanidade. Assim, Kant foca a questão principal do esclarecimento, o livre uso da razão, para um campo teórico transcendental. É aí que funda sua filosofia: na transcendentalidade das ideias.

O equilíbrio entre essas duas posições, a liberdade de uso da razão e a obediência às regras instituídas, leva Kant a fazer distinção entre dois conceitos: uso público e uso privado da própria razão. Uso público da própria razão é “aquele em qualquer homem, enquanto sábio, faz dela diante do grande público letrado”, enquanto o uso privado é “é aquele que só o sábio pode fazer de sua razão em certo cargo público ou função a ele confiado” (KANT, 1974, p.104). Para Kant, existem certas profissões que, pela sua natureza pública, os profissionais devem, em seu desempenho, colocar a ordem coletiva acima de seus pensamentos e opiniões. Em sua vida particular, esses profissionais podem e devem fazer o pleno e livre uso da razão para contestar, reformar, corrigir o que for necessário no intuito de conduzir ao esclarecimento. O libertar-se da menoridade e pensar de

forma independente não significa dizer fazê-lo em todas as circunstâncias da vida, pois há que se ter em mente o bem da coletividade, o bem público respeitando as normas vigentes, a ordem civil e social. Nessas profissões, por sua finalidade pública, o profissional, no desempenho de sua atividade deve sempre estar consciente de que a obediência deve sobressair-se ao raciocinar. Um professor, no uso particular de sua razão, diante de seus pares, poderia questionar os métodos, as leis, as estratégias da educação ou que o que bem quisesse. Criticar, reformar, corrigir, sugerir. No entanto, no exercício de seu ofício, diante de seus alunos, fazendo o uso público de sua razão, deveria obedecer às leis, estratégias, etc.º

Embora no texto de Kant, o papel da educação como pressuposto para a emancipação estar tratada de maneira subentendida, é possível depreender que somente por meio da educação é que se pode superar o estado de menoridade, vencer o medo e alcançar o esclarecimento.

Pensar a relação entre emancipação e educação, na ótica de Kant, indica, sobretudo, compreender o papel do tutor, que tento vencido o estado de menoridades, pode conduzir os seus alunos em igual caminho. Assim, os tutores “[...] depois de terem sacudido de si mesmos o jugo da menoridade, espalharão em redor de si o espírito de uma avaliação racional do próprio valor e da vocação de cada homem em pensar por si mesmo.” (KANT, 1974, p. 102).

No entanto, para Kant (1974), “[...] um público só muito lentamente pode chegar ao esclarecimento” (p. 104). O preconceito implantado e mesmo a revolução, nem sempre podem produzir a verdadeira reforma do modo de pensar. Pois,

[...] a queda do despotismo pessoal ou da opressão ávida de lucros ou de domínios, porém nunca conduzirá a verdadeira reforma do modo de pensar. Apenas novos preconceitos, assim como os velhos, servirão como cintas para conduzir a grande massa destituída de pensamento (KANT, 1974, p. 104).

De certo modo, Kant (1974) afirma que o *Aufklärung* não era um produto do seu tempo. Pois para ele ainda “[...] Falta muito para que os homens, nas condições atuais, tomados em conjunto, estejam já numa situação, ou possam ser colocados nela, na qual em matéria religiosa sejam capazes de fazer uso seguro e bom de seu próprio entendimento sem serem dirigidos por outrem.” (p. 112). Para o autor, no século XVIII não se vivia uma época esclarecida, mas uma época de esclarecimento. “[...] somente temos claros indícios de que agora lhes foi aberto o campo no qual podem lançar-se livremente a trabalhar e tornarem progressivamente menores os obstáculos ao esclarecimento (*Aufklärung*) geral ou à saída deles, homens, de sua menoridade, da qual são culpados.” (p. 112).

Por volta de dois séculos depois das considerações de Kant sobre emancipação, Theodor Adorno, profundo admirador da obra de Kant, estudou e tornou-se professor da Universidade de Frankfurt. Adorno

manteve contatos com Walter Benjamin e Max Horkheimer, seus parceiros intelectuais. De origem judia, por ocasião do nazismo, Adorno precisou mudar-se para Londres e posteriormente Estados Unidos, onde, juntamente com Horkheimer, escreve *Dialética do esclarecimento* (1946), livro que os projetou no cenário intelectual mundial. Adorno também é autor de uma vasta obra sobre Filosofia, Sociologia e Artes.

No livro *Educação e Emancipação* (1995), publicado com resultados de entrevistas/debates concedidas por Adorno entre as décadas de 1950 e 1960, ele retoma as questões apontadas por Kant sobre emancipação e educação por considerá-las atuais e propícias para se debater a democracia em sua época.

Assim como Kant, Adorno (1995) considera que para se alcançar a emancipação é necessário haver coragem para utilizar-se do próprio entendimento, da razão.

Emancipação, segundo Adorno (1995) consiste, de certa formamum problema, uma vez que a literatura pedagógica, de sua época, não problematiza a educação como forma de emancipação. Para ele, preocupam-se de uma “[...] ontologia existencial de autoridade, de compromisso, ou outras abominações que sabotam o conceito de emancipação atuando assim não só de modo implícito, mas explicitamente contra os pressupostos de democracia.” (ADORNO, 1995, p.172).

A questão da autoridade tem seu papel, segundo o autor, a autoridade torna-se indispensável no desenvolvimento da emancipação, no entanto, “[...] possibilitar o mal uso de glorificar e conservar esta etapa [da autoridade], e quando isso ocorre, os resultados não serão apenas mutilações psicológicas, mas justamente aqueles fenômenos do estado de menoridade, no sentido da idiotia sintética que hoje constatamos em todos os cantos e paragens.” (ADORNO, 1995, p.177).

Adorno adota concepções da psicanálise no desenvolvimento de sua perspectiva, especialmente quando contrapõe a questão da autoridade com a figura paterna, internalizada pelo sujeito e a forma como ele lida com essa relação de autoridade.

Para Adorno (1995) a questão da emancipação está vinculada a uma questão de educação para a contradição e resistência, assim,

[...] diria que a figura em que a emancipação se concretiza hoje em dia, e que não pode ser pressuposta sem mais nem menos, uma vez que ainda precisa ser elaborada em todos, mas realmente em todos os planos de nossa vida, e que, portanto, a única concretização efetiva da emancipação consiste em que aquelas poucas pessoas interessadas nesta direção orientem toda a sua energia para que a educação seja uma educação para a contradição e para a resistência. (p. 183).

O despertar de uma consciência, segundo Adorno (1995) consiste em um dos meios para a emancipação. Despertar nas pessoas a consciência de que estão sendo enganadas “[...] poderia resultar dos termos de uma crítica imanente [...]” (p. 183).

A educação emancipadora, segundo compreende Adorno, “[...] tem sentido unicamente como educação dirigida à auto-reflexão crítica.” (1995, p. 121). Dessa forma, a educação crítica e questionadora, deve levar à emancipação. Uma educação que não mais tolere atrocidades como as cometidas nos campos de concentração.

No entanto, quando Adorno questiona a concepção de esclarecimento em pleno século XX, considera o caráter dialético da formação, uma vez que os pressupostos para a emancipação e formação do sujeito, fundamentados na razão, estão mais voltados a atender interesses que não são necessariamente da cultura do espírito ou de sua *práxis*. Adorno remete a uma organização de mundo e sociedade que consiste efetivamente em “[...] enormes dificuldades que se opõem à emancipação [...]” (ADORNO, 1995, p. 181).

Em *Dialética do esclarecimento*, Adorno e Horkheimer (1985) criticam substancialmente aspectos negativos que surgiram a partir do Iluminismo, dentre eles, a “razão instrumental”, que é a utilização da razão a serviço de certos interesses (geralmente capitalistas), a “civilização técnica” em favor do sistema capitalista e de suas necessidades e a “indústria cultural” que, trazendo em suas bases a ideologia dominante, utiliza-se dos mecanismos do mundo industrial para impor suas regras, determinar, de maneira arbitrária a utilização e o consumo de seus produtos, mesmo que sob o pretexto de uma cultura emancipadora. Para os autores, a “indústria cultural” permeia uma “falsa” relação entre os homens e a natureza pautada em pressupostos ideológicos que constituem uma certa negação aos princípios iluministas. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985).

Como crítico de sua sociedade, do modelo de formação humana, Adorno (1996) também põe em xeque a questão da formação cultural, mais precisamente com o que evidencia como “teoria da semicultura” (ADORNO, 1996). “Os sintomas de colapso da formação cultural que se fazem observar por toda parte, mesmo nos estratos das pessoas cultas, não esgotam com as insuficiências do sistema e dos métodos da educação, sob a crítica de sucessivas gerações”. (p. 388).

Compreender o que Adorno denomina como crise da formação cultural perpassa não apenas por investigações no âmbito da Pedagogia, mas da compreensão de fatores sociais que a determinam ou favorecem. Implica ir além, consiste em perceber as transformações que o conceito de formação cultural assume, ao longo das emergências sociais e políticas, implica também em compreender a gênese do problema que pode estar relacionado com o próprio conceito de formação cultural sedimentado culturalmente. “A formação cultural agora se converte em

semiformação socializada, na onipresença do espírito alienado, que, segundo sua gênese e seu sentido, não antecede à formação cultural, mas a sucede.” (p. 389).

Nesse sentido, Adorno (1996) considera que “[...] apesar de toda a ilustração e de toda informação que se difunde (e até mesmo com sua ajuda) a semiformação passou a ser a forma dominante da consciência atual” [...] (p. 389).

Para Adorno, “Os dominantes monopolizaram a formação cultural numa sociedade formativa vazia. A desumanização implantada pelo processo capitalista de produção negou aos trabalhadores todos os pressupostos para a formação e, acima de tudo, o ócio.” (p. 393).

A semiformação cultural tão impregnada em nossa sociedade tem pouco a pouco domesticado o homem e está a serviço de certas urgências e emergências da sociedade capitalista que investe nessa chamada indústria cultural, massificadora, acrítica e ao mesmo tempo deformadora. É nesse sentido que pensar a semiformação é pensar também no processo de desumanização, de subtração da sensibilidade e subjetividade.

Por essa semiformação é que se constitui o sujeito modelado e ao mesmo tempo deformado, incapaz de, na tentativa de vivenciar uma condição de esclarecimento, vencer seu estado de menoridade e transcender para um estado de autonomia, reflexão e racionalidade.

Não obstante, pensar na semiformação e na formação de professores é ao mesmo tempo contraditório e discrepante, quando se gostaria de pensar em profissionais bem formados, emancipados, autônomos, capazes de conduzir seus alunos no caminho do esclarecimento e da superação de seu estado de menoridade.

CONSIDERAÇÕES

Pensar a relação entre esclarecimento, emancipação, formação e semiformação com a formação de professores nos dias atuais é, no mínimo, uma tarefa das mais difíceis. Tomando-se por referência que essas questões vêm sendo discutidas a mais de dois séculos e até hoje continuam sem resposta, leva-nos a refletir sobre o que realmente a nossa sociedade compreende por emancipação. Será que na atualidade o conceito de emancipação, segundo os princípios da filosofia de Kant e Adorno é levado em conta quando se propõe um modelo de educação e um modelo de formação de professores?

Embora Kant e Adorno tenham construídos seus conceitos em momentos históricos bastante diferentes, considero que as suas teoria se aproximam e dialogam substancialmente, embora cada autor preserve sua especificidade e analise a relação entre educação e emancipação por perspectivas diferentes e com objetivos também diferentes.

Tanto Kant quanto Adorno compreendem que a chave para se alcançar o esclarecimento é a saída do homem de seu estado de menoridade, e para isso necessita de coragem, de vencer o medo e a submissão e partir em busca de autonomia, agindo a partir do uso de sua própria razão.

Assim, pensar a emancipação nas perspectivas kantiana e adorniana demanda compreender o papel fundamental da educação, como formadora de sujeitos esclarecidos e autônomos, que sejam capazes de fazer uso de sua racionalidade.

Dessa forma, ousar mencionar que o modelo de formação de professores atualmente não contempla esse ideal de esclarecimento e emancipação. Infelizmente, a formação que se tem nos dias de hoje se converteu em semiformação e está subordinada às demandas da sociedade da informação, da rápida formação da má-formação.

O que se pode perceber é que o discurso da emancipação e da formação está praticamente vazio e geralmente correspondem a apropriações superficiais de um modelo de formação, que antes de mais nada, é resultado dessa semiformação produzida na sociedade atual. A educação para a emancipação e para a formação humana está muito distante da realidade educacional praticada, especialmente no Brasil. A maioria dos professores formados, desconhece sequer o que realmente constitui o conceito de emancipação, de formação, de autonomia e de racionalidade. Vivendo sob as regras da indústria cultural e de semiformação produzida por ela, contentam-se apenas em saber utilizar as novas e modernas metodologias a serviço do ensino, a aplicação e utilização de recursos, as tecnologias, os programas e todo o aparato de recursos didáticos ou educacionais à disposição.

A partir dessas reflexões, podemos pensar que o que mais precisamos na atualidade é transformar o nosso modelo de educação que priorize a emancipação dos sujeitos, desde a infância até a fase adulta. Uma educação emancipadora que leve os professores a agirem com responsabilidade e consciência, capazes de levar os seus alunos à busca da autonomia, do espírito crítico e do uso da razão. Que sejam formados, no sentido pleno do seu termo.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. **Educação e emancipação**. São Paulo: Paz e Terra, 1995

ADORNO, T. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1985

GELAMO, R. P. **O ensino da filosofia no limiar da contemporaneidade**: o que faz o filósofo quando seu ofício é ser professor de Filosofia? Marília. Tese (Doutorado em Educação) – UNESP – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Faculdade de Filosofia e Ciências – FFC – Programa de Pós-Graduação em Educação, Marília, 2009.

KANT, I. Resposta à pergunta: que é esclarecimento (Aufklärung)? In: **Textos seletos**. Petrópolis: Vozes, 1974.

NOVA CULTURAL. *Os pensadores*: Kant. São Paulo, 1999.

_____. *Os pensadores*: Adorno. São Paulo, 1999.

PAGNI, P. A. Crítica, Aufklärung e educação: considerações a partir de Foucault e Adorno. In: BUENO, S. F. *Teoria crítica e sociedade contemporânea*. São Paulo: Ed. Unesp, 2009.

PAGNI, P. A. Iluminismo, Pedagogia e Educação da infância em Kant. In: PAGNI, P. A.; SILVA, D. J. da (Orgs.). *Introdução à Filosofia da Educação*. São Paulo: Avercamp, 2007.

WIKIPEDIA. Wikipédia a enciclopédia livre. Theodor Adorno. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Theodor_W._Adorno Acesso em: 01 agosto 2011.

_____. Wikipédia a enciclopédia livre. Immanuel Kant. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Immanuel_Kant Acesso em: 01 agosto 2011.

Submetido em: 14/02/2018

Aprovado em: 25/02/2018